

EXPERIÊNCIAS DAS ATIVISTAS INTEGRALISTAS DOS ANOS 30 NA CIDADE DE MARÍLIA/SP.

Daniel Henrique Lopes*

Lídia Maria Vianna Possas**

“Nossas mulheres, há muito tempo livres dos espartilhos, já tinham a ousadia de mostrar as pernas e o colo; imitando as atrizes de Hollywood, usavam carmim e cabelos curtos.”

*Rosalina Tanuri****

Nosso objetivo ao propor este intento é transitar entre a micro e a macro história buscando analisar as experiências sociais das mulheres que fizeram parte da Ação Integralista Brasileira (AIB) na cidade de Marília. Deste modo, buscamos focar as relações sociais criadas entre homens e mulheres enquanto ativistas integralistas no complexo sistema de organização e hierarquia da AIB, em uma cidade interiorana que se urbanizou em pleno os anos 30, vislumbrando compreender as permanências e as mudanças dos papéis normativos constituídos pelos valores burgueses e conservadores da sociedade patriarcal brasileira da época.

A referida abordagem orienta-se no sentido de analisar as representações, as imagens, bem como as falas das militantes integralistas. Assim, propomos investigar novos significados que nos permitam compreender comportamentos, atitudes e valores disseminados na sociedade brasileira, partindo de um olhar que evidencie as individualidades e as concretudes dos sujeitos.

Desta forma, procuramos reconstruir os processos de identidade e subjetividade dos homens e mulheres militantes integralistas, visualizando as relações construídas através da análise de fontes documentais como fotos, relatos orais e jornais, além de uma documentação particular de ex-militantes integralistas e de simpatizantes, a fim de observar como se deu à inserção específica das mulheres no seio do movimento, sem deixar de lado o discurso mais amplo da AIB.

Atentos em esmiuçar as representações, as imagens prescritas nos documentos iconográficos, acompanhadas pelas falas de militantes integralistas, tentamos desvendar o nebuloso complexo de uma agremiação partidária inserida na sociedade brasileira da época, observando os sujeitos que estiveram às margens da historiografia oficial.

Nossa investigação situa-se no contexto de um processo histórico de transição da sociedade brasileira dos anos 30-40, onde se observa a emergência de novos segmentos sociais, principalmente urbanos, como, por exemplo, os movimentos reivindicatórios de natureza política e social como as revoluções tenentistas¹.

Essas revoltas ocorreram simultaneamente ao processo de modernização, acelerado pela Revolução Cultural Técnica e Científica² originada nos anos 20, que contribuiu para alterar os hábitos e valores de uma sociedade que se urbanizava. As cidades brasileiras, principalmente as capitais, a exemplo do que ocorria em São Paulo e no Rio de Janeiro, assumiam os ares cosmopolitas impulsionados pela idéia de progresso que se colocava na ordem do dia nas manchetes e nos classificados dos jornais que divulgavam a presença de novos aparelhos, a exemplo do rádio e da vitrola.

A dinâmica desses movimentos e revoltas possibilitou a criação de um novo conjunto de práticas sociais e culturais que passaram a se manifestar com maior intensidade na sociedade brasileira, principalmente, no período abordado.

Diante dessas mudanças e persistências de práticas, valores, comportamentos e costumes sociais, as mulheres passaram a ser reivindicadas por vários setores que até então as excluía, bem como também passaram a reivindicar o direito de acesso ao espaço público, mesmo que enfrentando críticas e reações frente às tradições e ao conservadorismo predominante.

As 'novas conjunturas'³ aceleraram a maior visibilidade e participação das mulheres no espaço público, até então exclusivamente masculino, pelo menos para os segmentos sociais das classes médias e da elite⁴.

É a partir desse momento, de maneira mais explícita, que podemos observar o envolvimento de algumas mulheres em movimentos sociais e na militância político-

partidária, tanto na esquerda como foi o caso do Partido Comunista, como em agremiações consideradas de direita, incluindo a AIB, além do Partido Republicano Paulista e do Partido Constitucionalista fundado em 1934.

No agito dessa “Nova Ordem”⁵ ampliam-se às condições de construção de uma nova esfera pública marcada pela crescente expansão da imprensa e principalmente do rádio, das oportunidades de outras formas de sociabilidade e de convívio cultural e social, através do cinema que passa a dar maior visibilidade às contradições de uma sociedade em transição – arcaico/moderno – e da presença de múltiplos sujeitos que exigem seus direitos de cidadania e de representação política.

Assim, várias organizações político-partidárias começaram a arregimentar para suas fileiras militantes femininas, pois viam nelas um potencial expressivo de ampliar sua própria militância, como também garantir eleitores e votos a seu favor nas urnas, já que desde de o decreto do presidente Vargas de 24/02/1932 as mulheres tiveram o acesso ao direito do voto, posteriormente oficializado pela constituição de 1934.

É possível revelar pelas fotografias dos comícios e marchas integralistas as militantes femininas em constante presença. Devidamente trajadas em seus uniformes, identificando o Sigma no lado direito, elas passaram a fazer parte da cênica organizada pela AIB a fim de mobilizar a opinião pública⁶.

No fervilhar dos anos 30, as mulheres passaram a vivenciar de forma mais participativa a vida pública não só nas manifestações político-partidárias, como também no mercado de trabalho, criando na sociedade brasileira algumas tensões e conflitos diante das inovações culturais em embrião no período⁷.

Essas transformações não foram privilégios dos grandes centros. Nas cidades paulistas do interior elas também ocorreram, mesmo que de forma mais branda e amena, devido ao forte apreço a valores e práticas tradicionais.

Objeto do presente trabalho podemos citar como exemplo Marília, onde foi criada em 1931 uma Associação Feminina conforme nos aponta o Jornal *Alto Cafezal*⁸.

Esta associação de mulheres marilienses procurava mediar as atividades femininas, conciliando os anseios advindos de sua vida no espaço público com seus afazeres domésticos, vislumbrando as possibilidades evidenciadas pela nova ordem feminina que surgia.

Com a finalidade de identificar as transformações e as relações estabelecidas entre as militantes integralistas e a AIB, tomando como referência suas práticas na cidade de Marília, fundamentamos nossas bases analíticas, principalmente nas possibilidades abertas pela perspectiva de uma análise hermenêutica do cotidiano (Dias, 1998)⁹.

Esta perspectiva metodológica abre a possibilidade de desvendar as formas sutis de apropriação do cotidiano e a reconstituição das experiências vividas, na medida em que os trabalhos com a documentação oral, escrita e iconográfica, revelam simultaneamente a existência dos papéis informais femininos, principalmente à identificação das práticas, dos costumes e das estratégias de sobrevivência conforme nos apontou Dias (1998).

A hermenêutica do cotidiano aborda as possibilidades de criticar o processo de politização do cotidiano e de documentar necessidades sociais fora de parâmetros objetivistas, abarcando uma frente ampla de áreas multidisciplinares e envolvendo uma estratégia de questionamentos e de críticas a cultura¹⁰.

O conceito de cotidiano que utilizamos em nossa análise sugere mudanças, rupturas, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser, e não a rotina, o repetitivo.

A análise das práticas e experiências cotidianas das blusas verdes nos permitem a descoberta de outras histórias e o questionamento das polarizações, das categorias abstratas e universais, abrindo possibilidades para a recuperação de outros sujeitos sociais, permitindo também o questionamento da existência da universalidade do discurso histórico.

A história do cotidiano, segundo Matos, é uma fonte que oferece possibilidades de recuperação de outras experiências, demonstrando que “[..] a realidade histórica é social e culturalmente constituída [...]” (MATOS, 2002, p.25)¹¹.

Partindo desses pressupostos, a análise do cotidiano nos possibilita visualizar a sua potencialidade enquanto espaço de resistência por parte das blusas verdes diante do processo de dominação.

Neste sentido, nos orientamos pelas perspectivas abertas pela Nova História que se preocupou com a multiplicidade dos sujeitos e temporalidades sem perder de vista a totalidade do processo histórico.

A fundamentação da Nova História é a idéia de que a realidade é social e culturalmente constituída. Assim Burke nos ressalta, “o que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (BURKE, 1992, p.11)¹².

Encontramos, portanto, a partir dessa abordagem a possibilidade de trabalhar com várias fontes, a fim de fazer um contraponto entre os dados obtidos, tal que os documentos oficiais perdem, nesta abordagem, o seu caráter de veracidade inquestionável, já que “os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial, [...] para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outro tipo de fonte” (BURKE, 1992, p.13).

O caráter metodológico de nossa pesquisa pode ser caracterizado por uma certa “flexibilidade”, uma vez que foi se adequando às necessidades de cada momento da investigação e como sugere Burke, “não acredito que haja um método histórico quanto a um procedimento a seguir em todos os casos [...] nós somente descobrimos nosso método ao longo da pesquisa, em vez de começarmos com ele do início [...]” (BURKE, 2000, p.211)¹³.

Buscando complementar a nossa pesquisa, prosseguimos com as análises de documentos oficiais integralistas dos núcleos da cidade de Marília e de outras cidades da região, permitindo relacionar os dados oficialmente obtidos com os relatos de ex-integrantes da AIB, tornando a pesquisa rica pela originalidade das fontes e possibilidades abertas.

A realização dos trabalhos em arquivos revelou novos elementos e novas perspectivas para o trabalho. Como observa Burke, “trabalhar em arquivos pode ser, sem dúvida, uma experiência fascinante, algo diferente de outros tipos de pesquisa. Permite que

se estabeleça uma relação mais íntima com o passado, ou ao menos uma sensação de maior parentesco com o passado” (BURKE, 2000, p.202).

Priorizamos também a imprensa periódica como uma fonte complementar de primeira ordem, pois nos ofereceu notícias, relatos e outras abordagens sobre as relações entre homens e mulheres. Realizamos minuciosamente a análise de jornais de Marília, principalmente o *Alto Cafezal*, a fim de encontrar elementos que evidenciassem o processo social da cidade na época e a inserção feminina neste processo local, através das práticas e representações sociais existentes. No entanto, tornou-se necessário complementar essas análises com outras fontes, documentais e bibliográficas, uma vez que a imprensa emite juízo de valor de determinado grupo ou segmento político e social.

Tomamos como elemento de análise não apenas o que estava escrito no jornal. Também analisamos o que não encontramos nos jornais da época, as ausências de notícias. O silêncio dos jornais nos oferece indícios, os quais não deixamos passarem despercebidos.

A presença das práticas cotidianas encontradas nas diversas fontes nos levou à “redescoberta de situações inéditas, não no sentido de apontar o excepcional, mas de descobrir o que até então era inatingível, por estar submerso” (MATOS, 2002, p.29).

Esta análise não pretende esgotar as possibilidades explicativas dessas práticas cotidianas, mas sim sistematizar os elementos, dados e indícios, capazes de elucidar algumas questões e possibilidades de interpretação e apreensão desse movimento de mudanças e permanências.

A AIB, como seu discurso, contendo aspectos e elementos legitimadores de uma ordem vigente na sociedade brasileira no contexto elencado, constituiu-se em uma oportunidade para as mulheres encontrarem “brechas”¹⁴ de participação e maior visibilidade no espaço público, uma vez que o Integralismo assumiu feições de um partido urbano.

A observação das blusas verdes e da história da AIB apresenta uma condição inédita, evidenciando como aquela ideologia de forte apelo aos princípios espirituais e de igualdade, justiça e piedade, incluindo a compaixão – a capacidade de sofrer, intensamente,

com os outros (ARENDR, 1971; ARAÚJO, 1988)¹⁵, constituiu-se em uma alternativa para a massa urbana, principalmente para as mulheres que adentravam ao espaço público mobilizadas pela idéia de ascensão social e de acesso a direitos civis e políticos.

Os estudos que enfocam as mulheres nos mais diversos aspectos da sociedade tornaram-se atualmente uma frente crítica do conhecimento contemporâneo.

Procurar respostas para algumas situações que se colocam em nossa sociedade exige evidenciar as nossas raízes culturais e as dificuldades de sua superação. Assim, é necessário “recuperar às múltiplas estratégias e resistências criadas e recriadas pelas mulheres no cotidiano, bem como a sua capacidade de explorar as inconsistências ou incoerências dos sistemas sociais e políticos para encontrar brechas, através das quais pudessem se expressar ou, ao menos, sobreviver” (MATOS, 2000, p.13)¹⁶.

Visando pormenorizar nosso intento, frente aos aspectos estruturais da AIB, realizamos uma análise vislumbrando o contexto histórico-social específico da cidade de Marília nos anos 30, procurando compreender as práticas e as representações criadas e incorporadas pelas blusas verdes nesta cidade.

Marília, cidade nova, surgiu no meio das matas em 1928, estava em pleno desenvolvimento nos anos 30, um desenvolvimento acelerado como demonstram as páginas dos jornais e relatos de pessoas que vivenciaram esse período. A cidade aspirava ares cosmopolitas e não escapava a ‘nova ordem’ que vinha sendo incorporada em grande parte das cidades do país.

Ao voltarmos nossa análise para o interior de Marília, concordamos com Cavalari ao afirmar que, “para o integralismo o lugar natural da mulher era o lar e a família. Era reservado à mulher a sacrossanta função de mãe, senhora do lar, educadora, e modeladora do caráter dos homens, no sentido de altruísmo, da bondade e da grandeza da pátria e bem da humanidade (CAVALARI, 1999, p.60)¹⁷. Entretanto, e para a mulher o que era o integralismo?

Salientamos que “as mulheres integralistas, como militantes, assumiram aparentemente os modelos instituídos pela sociedade republicana, mas souberam subjetivar as diferenças e transitar neste terreno a sua maneira” (POSSAS, 2004, p.14)¹⁸.

* Aluno do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – UNESP/Marília.

** Professora Doutora da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP/Marília, vinculada ao Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e a Linha de Pesquisa “Cultura, Identidade e Memória” do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, líder do Grupo de Pesquisa “Cultura e Gênero” inscrito no CNPq em 2003, e coordenadora do GT Estudos de Gênero da ANPUH/Regional/SP.

*** Historiadora local referindo-se ao comportamento das mulheres Marilienses da década de 30.

¹ O tenentismo aparece na década de 20 sendo categorizado pela historiografia como representante do núcleo organizatório das classes médias. O tenentismo desta fase pode ser definido em linhas gerais, como um movimento político e ideologicamente difuso, de características predominantemente militares, onde as tendências reformistas autoritárias aparecem em embrião (FAUSTO, 1970).

² Ver: SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: Fernando A. Novais (Org. geral). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

³ Geradas pela Revolução Cultural, Técnica e Científica descrita por Sevcenko 1998.

⁴ É um período de suma importância para compreendermos as alterações e as transformações ocorridas na ordem social dos anos 30, já que é a partir daí que a urbanização e a industrialização começaram a ganhar impulso no cenário nacional.

⁵ Na primeira metade do século XX, da qual enfatizamos os anos 20-30, houve no Brasil um fluxo intenso de mudanças em todos os níveis da experiência social, estimuladas, sobretudo, por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até a noção de tempo e espaço das pessoas. O que chama a atenção nesse período não são apenas os novos equipamentos, produtos e processos que entram para o cotidiano, ou seja, para as práticas cotidianas das pessoas, mas o mais perturbador era o ritmo com que essas inovações invadiam o dia-a-dia das pessoas (SEVCENKO, 1998, p.10).

⁶ Sobre a participação feminina na AIB ver: POSSAS, Lúcia Maria Vianna. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado 1932-1938. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si. Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 257-277. _____. O Integralismo e a mulher. In: **Integralismo: novos estudos e reinterpretções**/ Renato Alencar Dotta, Lúcia Maria Vianna Possas, Rosa M. F. Cavalari. Rio Claro: Arquivo do município, 2004.

⁷ Ver: POSSAS, Lúcia Maria Vianna. **Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

⁸ Este jornal circulou em Marília de 01/07/1928 à 25/12/1938, sua tiragem era semanal e aos domingos, trazendo notícias locais, nacionais e internacionais.

⁹ DIAS, Maria Odila da Silva. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. In: **Projeto história – trabalhos da memória**. São Paulo, Nº 17, Nov/98. P. 223 – 235.

¹⁰ (DIAS, 1998).

¹¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história cidade e trabalho**. Bauru/SP: EDUSC, 2002

¹² BURKE, Peter. Abertura: A nova história, separando o seu futuro. In: _____. (Org.) **A escrita da história – novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p.7-37.

¹³ BURKE, Peter. IN: M. Lucia G. Pallares –Burke. **As muitas faces da história: Nove entrevistas**. São Paulo: EDUNESP, 2000, p. 185-231.

¹⁴ A AIB possibilitava à mulher a atuar no espaço público, mesmo que esta tivesse que conciliar seus papéis ‘naturais’ de mãe, esposa e dona de casa, com os novos papéis provenientes de sua vida pública.

¹⁵ ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Lisboa: Moraes Editors, 1971. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e revolução**. O Integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

¹⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

¹⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 - 1937)**. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

¹⁸ POSSAS, Lúcia Maria Vianna. As cartas femininas: relações de gênero na escrita das “blusas verdes”. In: Associação Nacional de História - Núcleo Regional São Paulo Anais do - **XVII Encontro Regional de História: O Lugar da História**/ Sylvia Bassetto, Coordenação Geral. Campinas: UNICAMP, 2004. ISBN 85-98711-01-2